



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade e inflação movimentam a semana no Brasil e nos EUA

- Nesta semana, o IBGE divulga dados de inflação e atividade que ajudarão o mercado a calibrar a magnitude do primeiro corte da taxa Selic na próxima reunião do Copom.** Na terça-feira (10), será conhecido o resultado do IPCA de janeiro, com expectativa de alta de 0,32% no mês, pressionado pelo aumento sazonal dos alimentos no domicílio (especialmente *in natura*) e de alguns itens monitorados (combustíveis), compensado pelo recuo da tarifa de energia elétrica (bandeira verde) e das passagens aéreas. No acumulado em 12 meses, o IPCA deve acelerar de 4,26% para 4,43%, mas seguir abaixo do teto da meta (4,5%). Os agentes devem avaliar o resultado do indicador e sua composição para entender qual a estratégia mais provável o BC adotará em sua próxima reunião. Atualmente, o mercado atribui probabilidade de cerca de 2/3 para um corte de 0,5 pp.
- Ainda no campo da inflação, a FGV divulga o IGP-10 de fevereiro, que deve seguir trazendo números favoráveis.** A expectativa é de relativa estabilidade no mês (-0,02%), com os preços dos bens agropecuários seguindo em deflação no atacado. Em 12 meses, o índice deve registrar deflação de 1,87% (ante -0,99%).
- Em relação à atividade, serão conhecidos os dados finais de 2025 do setor de serviços e do varejo.** Na quinta (12), o IBGE divulga a Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS), com expectativa de estabilidade em dezembro. Com este resultado, mesmo após ligeiro recuo (-0,1%) em novembro, o setor garante mais um trimestre de alta, demonstrando maior resiliência ao longo do ano, apesar do ambiente de altas taxas de juros. Já a expectativa para o varejo (ampliado) é de queda de 1,0% no mês, interrompendo uma sequência de 5 altas seguidas e após o bom resultado de novembro (+0,7%), beneficiado pelas promoções da *Black Friday*. De toda forma, o resultado também deve apontar para um avanço do setor no trimestre, após números mais fracos no 2T e 3T24. O dado será divulgado pelo IBGE na sexta-feira (13).
- Na agenda corporativa, a semana dá continuidade à safra de balanços do setor bancário.** Nesta manhã, o BTG divulgou que obteve um lucro líquido ajustado de R\$ 4,6 bi no 4T25, encerrando o ano com lucro de R\$ 16,7 bi, alta de 35,4% no ano. O Banco do Brasil divulga seu balanço na quarta (11) e deve mostrar alguma recuperação do lucro no trimestre (+7,7%), para R\$ 4,0 bi, mas ainda pressionado pelo aumento da inadimplência no setor rural. No ano, a instituição deve registrar lucro de R\$ 19,0 bi, com queda próxima a 50% ante o resultado de 2024. Pine (9), Inter (10), Banrisul (11) e XP (12) também divulgam seus resultados na semana.
- A agenda de indicadores internacionais traz uma série de dados relevantes da economia dos EUA, com potencial de alterar as expectativas para os próximos passos do Fed.** Após nova paralisação do governo norte-americano, agora bem mais curta, de apenas 3 dias, que adiou a publicação do *payroll* na última sexta, o BLS (*Bureau of Labor Statistics*) deve divulgar os dados do mercado de trabalho dos EUA nesta quarta (11). O consenso dos analistas espera a criação de 69 mil vagas em janeiro, pouco acima do observado em dez/25 (+50 mil), mas com novos sinais de continuidade da tendência de arrefecimento do segmento (em jan/25, foram criadas 111 mil vagas). De toda forma, a taxa de desemprego deve permanecer estável em 4,4%.
- A inflação ao consumidor (CPI) de janeiro será divulgada nesta sexta (13), com expectativa de algum alívio.** A previsão é de alta de 0,3% no mês, desacelerando para 2,5% (ante +2,7% em dez/25) em 12 meses. Neste mesmo comparativo, o núcleo do CPI também deve atingir 2,5% (ante +2,6%), menor valor desde mar/21 (+1,6%). Os agentes estarão atentos aos sinais de descompressão nos preços, especialmente nos itens impactados pelas tarifas. Completando a agenda norte-americana, haverá a divulgação na terça (10) das vendas no varejo de dezembro, que deve apontar que o consumo se mantém resiliente no país.
- Os dados de inflação da China devem reforçar o ambiente desinflacionário no país.** A expectativa é que os indicadores de preços ao consumidor (CPI) e ao produtor (PPI) sigam em deflação ou muito próximos da estabilidade, com variações anuais de 0,4% e -1,5%, respectivamente, diante do excesso de capacidade instalada em alguns setores e baixo dinamismo da demanda interna.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/fev	IBGE: IPCA	Jan/26	0,32% m/m 4,43% a/a	0,33% m/m 4,26% a/a
12/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Dez/25	0,0% m/m 3,5% a/a	-0,1% m/m 2,5% a/a
13/fev	FGV: IGP-10	Fev/26	-0,01% m/m -1,86% a/a	0,29% m/m -0,99% a/a
13/fev	IBGE: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC)	Dez/25	-1,0% m/m 2,9% a/a	0,7% m/m -0,3% a/a

Fonte: Bloomberg.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T25 e 2025

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T25 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2025	Var.% no Ano
BTG Pactual	09/fev	4.567	0,6%	39,4%	16.655	39,5%
Pine	09/fev	116	11,9%	72,9%	376	45,6%
Inter	10/fev	379	6,6%	28,6%	1.374	41,3%
Banrisul	11/fev	343	4,2%	20,6%	1.291	40,9%
Banco do Brasil	11/fev	4.076	7,7%	-57,4%	19.019	-49,8%
XP	12/fev	1.340	0,7%	10,7%	5.227	15,0%
Nubank	25/fev	-	-	-	-	-
BMG	26/fev	136	-8,1%	8,8%	524	19,1%
Pan	-	201	7,3%	5,9%	765	-0,9%

Fonte: Áreas de RI dos bancos e Bloomberg

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/fev	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/26	0,4% a/a	0,8% a/a
10/fev	China	Inflação ao produtor (PPI)	Jan/26	-1,5% a/a	-1,9% a/a
10/fev	EUA	Vendas no Varejo	Dez/25	0,4% m/m	0,6% m/m
11/fev	EUA	Dados do Mercado de Trabalho Geração de Vagas / Taxa de Desemprego	Jan/26	69 mil / 4,4%	50 mil / 4,4%
12/fev	EUA	Vendas de casas existentes	Jan/26	-3,5% m/m	5,1% m/m
13/fev	Zona do Euro	PIB	4º tri/25 – 2ª leitura	0,3% t/t-1	0,3% t/t-1
13/fev	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/26	0,3% m/m 2,5% a/a	0,3% m/m 2,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Ata reforça perspectiva de queda de 0,5 pp da Selic em março e indústria anda de lado em 2025

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) divulgou a Ata de sua última reunião, na qual antecipou que pretende começar o ciclo de flexibilização monetária em sua próxima reunião.

Na leitura do cenário, o Comitê apontou que o cenário externo segue incerto, com continuidade dos riscos de longo prazo, mas houve um arrefecimento na incerteza de curto prazo, com condições financeiras favoráveis. Já a economia brasileira manteve trajetória de moderação no crescimento, embora a taxa de desemprego permaneça em patamares historicamente baixos, enquanto os rendimentos reais tem crescido acima da produtividade. Neste contexto, o Copom indicou que segue atento à dinâmica do mercado de trabalho para entender seus impactos sobre a inflação.

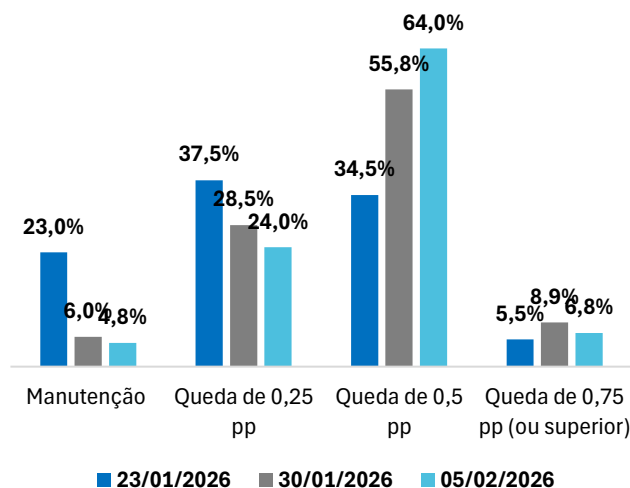
Sobre a inflação, a Ata trouxe um quadro mais favorável, ao apontar que as expectativas seguiram em trajetória de declínio, apesar de continuarem acima da meta. Além disso, também indicou que as leituras recentes mostraram arrefecimento da inflação, inclusive dos preços dos serviços, embora o grupo siga mais resiliente, em função do dinamismo do mercado de trabalho. Um outro ponto de destaque foi a afirmação de que houve “alguma redução das incertezas concentradas nos horizontes mais próximos” para a inflação. Nesse contexto, a projeção para 2026 recuou 0,1 pp ante a última reunião, para 3,4%, enquanto para o horizonte relevante da política monetária (3T27) permaneceu em 3,2%.

Na avaliação da política monetária, o Copom afirmou que “após avaliar que a estratégia em curso, de manutenção do nível corrente da taxa de juros por período bastante prolongado, tem se mostrado adequada”, o “Comitê se aprofundou na discussão da calibração da política monetária”, em contexto de melhora do cenário inflacionário corrente e expectativas de inflação menos distantes da meta.

Portanto, dado o cenário atual e esperado, o Comitê julgou adequado sinalizar o início de um ciclo de redução da taxa de juros em sua próxima reunião, apesar de reforçar a necessidade de manutenção do patamar de juros em níveis restritivos, até que se consolide o processo de desinflação e a ancoragem das expectativas. Ademais, apontou que a magnitude e a duração do ciclo de queda dos juros serão determinadas ao longo do tempo, a depender da evolução dos dados.

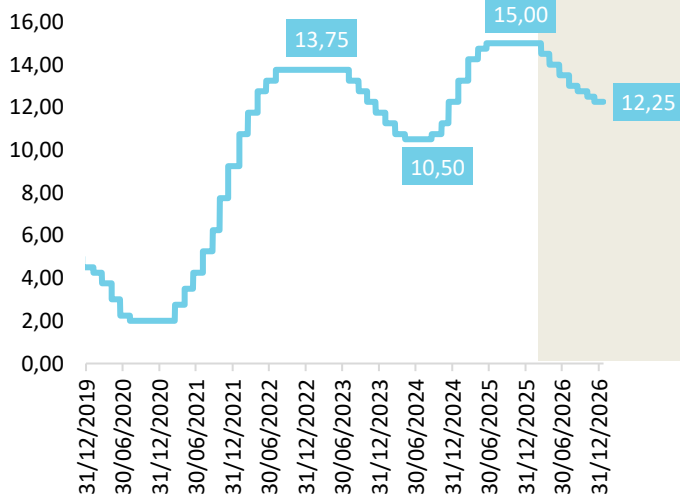
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Probabilidades para a Taxa Selic na Reunião de Março (Opção de Copom B3)



Fonte: BCB.

Quadro 2: Taxa Selic – Expectativa % a.a.



Fonte: BCB e Focus.

Em suma, o documento mostrou maior confiança no processo de desinflação da economia, justificando a indicação de queda dos juros a partir de março. As expectativas têm convergido para um corte de 0,50 pp da Selic na reunião de março (64% de probabilidade), chegando até 12,25% aa no fim do ano.

A produção industrial brasileira cresceu apenas 0,6% em 2025, ou seja, praticamente estável, além de encerrar o ano com nítida perda de dinamismo, com recuo de 1,2% em dezembro. Assim, os dados divulgados pelo IBGE evidenciaram uma desaceleração relevante do setor em relação a 2024, quando a produção industrial havia registrado alta de 3,1%.

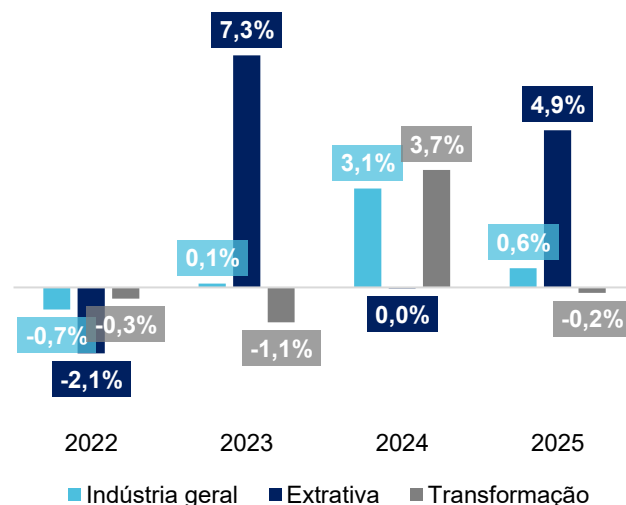
Em dezembro, apenas 7 dos 24 setores da indústria de transformação registraram crescimento, reforçando a fraqueza do setor no 4T25, que recuou 0,7% no trimestre, após números próximos à estabilidade nos trimestres anteriores. A queda no trimestre foi liderada pelas indústrias de bens de capital (-2,3%) e bens de consumo duráveis (-1,9%).

Ainda que positivo em 2025 no acumulado de 12 meses, o contraste com o desempenho do ano anterior revela mudanças importantes no ciclo industrial. Enquanto 2024 foi marcado por uma expansão consistente da indústria de transformação (+3,7%), segmento mais sensível ao ciclo econômico e à política monetária, a indústria extrativa ficou estável na ocasião. Em 2025 ocorreu um movimento oposto: a indústria extrativa acelerou de forma expressiva, avançando 4,9%, beneficiada pela expansão da extração de petróleo, ao passo que a indústria de transformação apresentou leve retração (-0,2%), indicando arrefecimento da demanda e condições menos favoráveis à atividade ao longo do ano.

De toda forma, houve uma difusão moderada entre as atividades, com 15 dos 25 setores pesquisados pela PIM-PF crescendo no ano, sendo 14 deles pertencentes à indústria de transformação. Entre os destaques positivos estiveram a fabricação de produtos de fumo (+8,6%), a fabricação de produtos têxteis (+5,6%) e a fabricação de máquinas e equipamentos (+5,0%). No campo negativo, destacaram-se a fabricação de produtos de madeira (-6,0%), coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-5,3%) e bebidas (-2,6%).

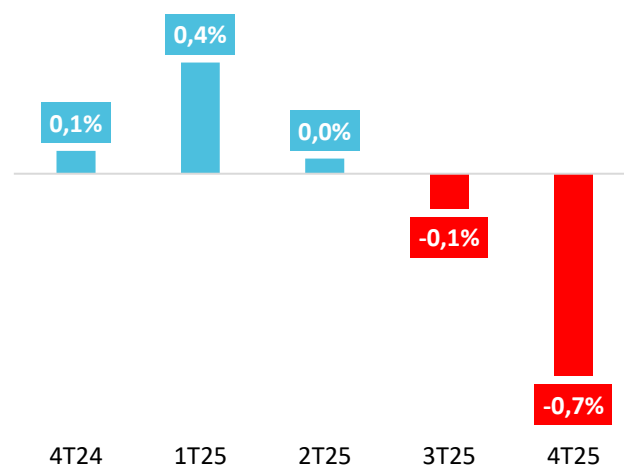
A leitura por categorias econômicas reforça o diagnóstico da perda de dinamismo da atividade. A indústria de bens de consumo recuou 1,1% em 2025, em linha com o enfraquecimento da demanda das famílias. Os bens de capital recuaram 1,5%, evidenciando menor ímpeto do investimento, enquanto a indústria de bens intermediários foi a única a crescer no ano (+1,5%).

Quadro 3: Crescimento do Setor Industrial (Por Segmento) - Var. % Anual



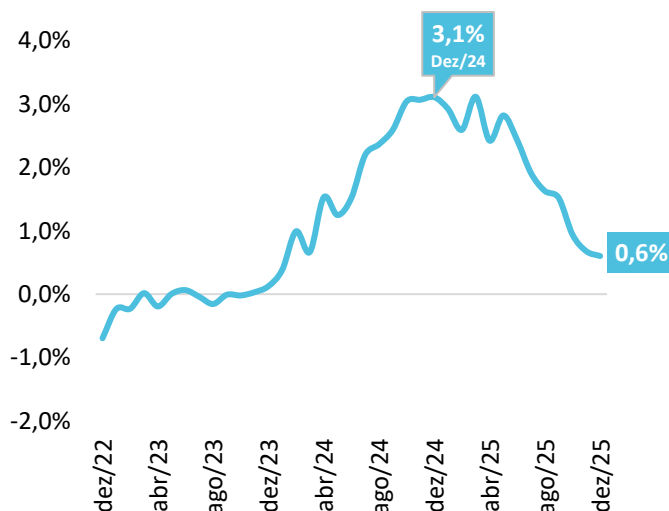
Fonte: IBGE

Quadro 4: Crescimento do Setor Industrial Var.% Trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 5: Crescimento do Setor Industrial Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Portanto, embora o resultado agregado de 2025 tenha permanecido no campo positivo, os sinais emitidos ao longo do quarto trimestre foram consistentes com um processo de desaceleração mais amplo, observado com mais intensidade nos segmentos de bens de consumo duráveis e bens de capital.

Para 2026, o cenário tende a seguir desafiador para o setor. O resultado de dezembro deixou um *carry-over* de -0,9% para o 1T25 e de -1,4% para o ano. Ainda assim, alguns indicadores de sentimento sugerem um início de ano menos negativo, como a confiança da indústria, medida pela FGV, que avançou 3,5 pp em janeiro, e o nível de utilização da capacidade instalada (+1,3 pp, para 81,3%). Essa melhora pode indicar uma perspectiva de que a política monetária terá menor grau de restrição sobre as decisões de produção e investimento ao longo do ano, abrindo espaço para que 2026 apresente algum retorno de dinamismo ao setor industrial, em especial da indústria de transformação, ainda que novamente com baixo crescimento.

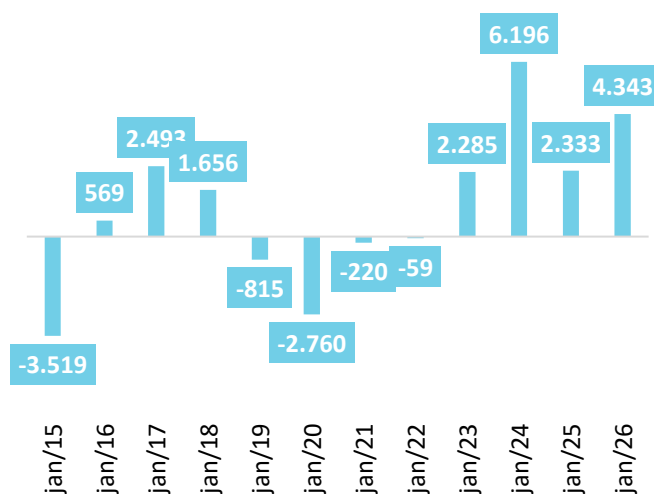
No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 4,3 bilhões no mês de janeiro, abaixo do esperado (US\$ 5,0 bi), mas bem superior ao resultado de janeiro de 2025 (US\$ 2,3 bi).

A melhora do saldo refletiu o recuo das importações (-9,8%, ante janeiro/25), com quedas nas categorias de combustíveis (-21,5%) e bens intermediários (-15,0%), em mais um sinal de continuidade do desaquecimento da demanda interna. Esses recuos refletiram principalmente as quedas das importações de combustíveis (-17,5%), ainda que com peso relevante do efeito preço (-15,2%), dada a queda do preço do petróleo no cenário internacional; e, de acessórios de veículos automotivos (-20,4%). Por outro lado, houve um aumento relevante da importação de veículos já montados (+106,2%).

Já as exportações permaneceram praticamente estáveis em relação a janeiro/25 (US\$ 25,2 bi; -1,0%), com aumento das vendas de soja (+91,7%) e carne bovina (42,5%), compensando as quedas das exportações de petróleo (-7,8%) e minério de ferro (-8,6%). Dentre os destinos, as vendas para a China registraram forte crescimento (+17,4%), contrabalançando a queda das exportações para a maioria dos demais países, em especial, os EUA (-25,5%), cujas exportações seguem em baixo patamar, apesar da redução dos itens tarifados em 40% no fim de 2025, como carnes e café.

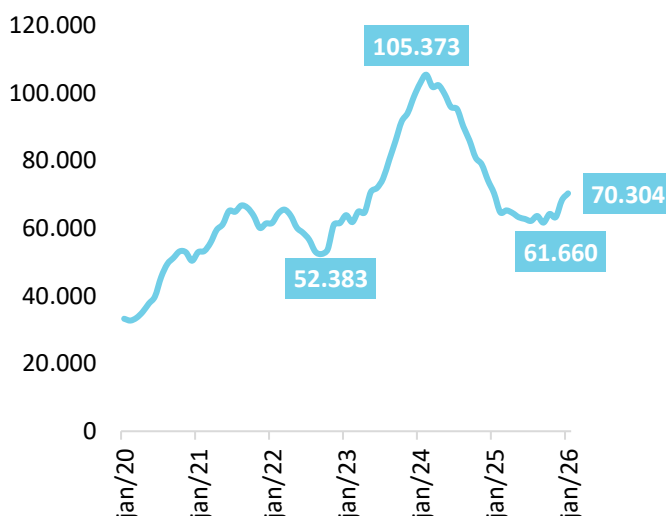
Em 12 meses, o superávit atingiu US\$ 70,3 bi, patamar próximo ao esperado pelo consenso do mercado para este ano (US\$ 67,7 bi), segundo o boletim Focus.

Quadro 6: Saldo Comercial
Meses de Janeiro - Em US\$ milhões



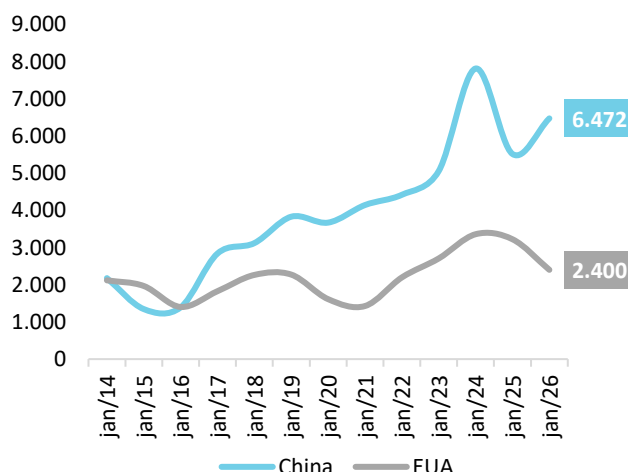
Fonte: Secex/Mdic

Quadro 7: Saldo Comercial
Acumulado em 12 meses – Em US\$ milhões



Fonte: Secex/Mdic

Quadro 8: Exportações para os EUA e a China
Meses de Janeiro - Em US\$ mi



Fonte: Secex/Mdic

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Ações de tecnologia e dados de empregos derrubam bolsas nos EUA

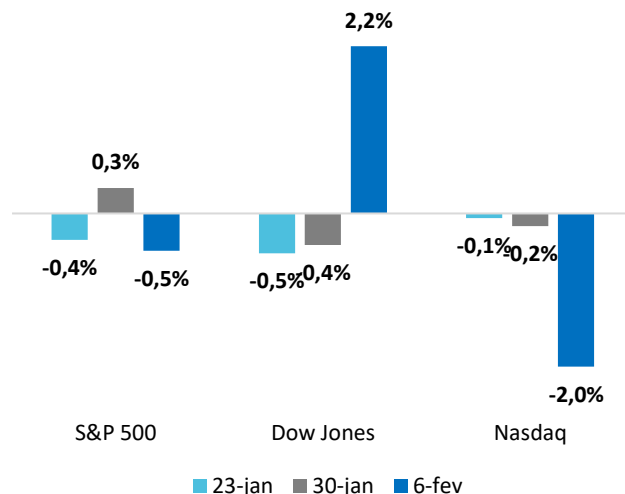
Os principais mercados globais encerraram a semana em queda, refletindo, em parte, a forte correção dos preços das empresas de tecnologia. A divulgação dos resultados das empresas de tecnologia (Amazon, Alphabet/Google, Microsoft) assustou os investidores em função do elevado volume previsto de investimentos com IA para este ano, embora tenha havido alguma recuperação na sexta-feira. Outro fato que pesou negativamente na semana foram dados do mercado de trabalho dos EUA mais fracos do que o esperado. No campo geopolítico, as notícias seguem preocupantes: expirou o tratado nuclear entre os EUA e a Rússia, enquanto o Irã se recusa em encerrar seu programa nuclear. Com isso, no geral, os ativos de risco caíram na semana (exceto o Dow Jones), enquanto ativos mais seguros (dólar e ouro) se fortaleceram.

No campo econômico, o Relatório *Jolts* apontou que o número de vagas de trabalho em aberto nos EUA ficou em 6,5 milhões em dezembro, queda de 386 mil ante novembro. Já o Relatório Challenger mostrou que as empresas dos EUA anunciaram uma redução de 108 mil postos de emprego em janeiro, o pior resultado para o mês desde 2009. Na direção oposta, os dados do PMI trouxeram números positivos em janeiro. O índice da manufatura subiu 4,7 pts, para 52,6 pontos, bem acima do esperado (48,5 pontos), mostrando que a atividade do setor industrial cresceu pela primeira vez em 12 meses. Nos serviços, o índice seguiu em alto patamar (53,8 pts).

Na Zona do Euro, como amplamente esperado, o BCE manteve a taxa de depósitos da economia em 2% aa. A decisão reflete o fraco dinamismo da economia da região e uma inflação próxima a meta. De toda forma, a sensação é que o BCE pode voltar a reduzir os juros, embora já bastante baixos. A autoridade monetária demonstrou cautela em relação as perspectivas econômicas, em função dos riscos da política comercial global e das tensões geopolíticas. Além disso, o BCE também alertou que a apreciação do euro em relação ao dólar pode reduzir a inflação para além das expectativas atuais, o que abriria espaço para novos cortes de juros.

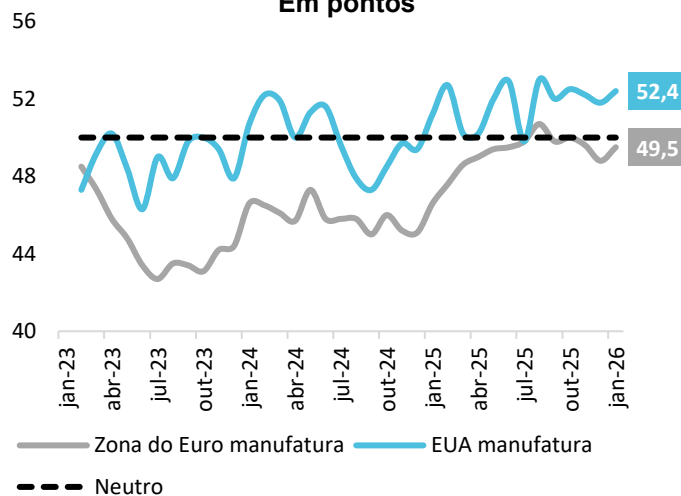
Dentre os indicadores da região, a prévia de janeiro da taxa de inflação ao consumidor desacelerou para 1,7% (ante 2,0%), mostrando um cenário benigno para a inflação na economia europeia. Já o índice PMI mostrou alguma piora da atividade do setor de serviços da região, compensado por uma tímida melhora do setor industrial, que segue em campo contracionista.

Quadro 9: Índices Acionários dos EUA
Var, % Semanal



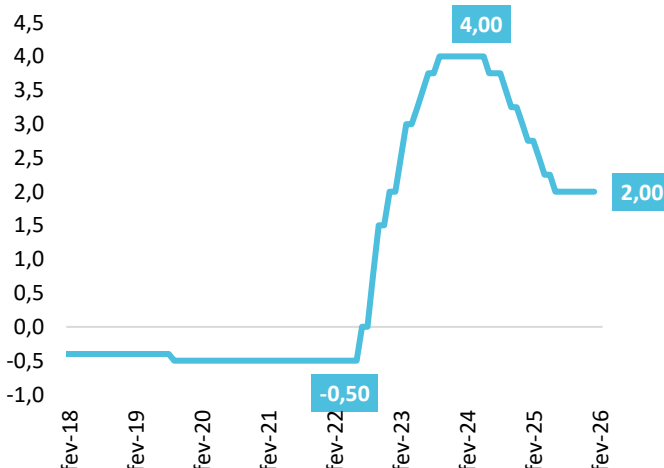
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: PMI Manufatura – EUA e Zona do Euro
Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: Zona do Euro – Taxa de Juros de Depósitos – Em % aa



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2025 Santander

O Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 4,1 bilhões no 4º trimestre de 2025, em linha com o esperado, correspondendo a uma alta de 1,9% no trimestre e de 6,0% ante o 4T24. A rentabilidade patrimonial (ROE) do banco atingiu 17,6% no trimestre, mesmo nível registrado no 4T24.

No comparativo com o 4T24, a margem com clientes cresceu 6,6%, beneficiada pelos maiores spreads e volumes de crédito; as receitas de serviços e tarifas avançaram 4,3%, com boa performance em seguros (+14,7%) e cartões (+8,2%); enquanto as despesas gerais caíram 2,0%, com queda das despesas de pessoal (-7,9%). Por outro lado, o banco registrou perda de R\$ 1,5 bi com a margem com mercado, devido ao menor resultado em tesouraria e a sensibilidade negativa à taxa de juros. A PDD subiu 2,9%, ainda com impacto da Resolução CMN nº 4.966/21, mas também pelo avanço da inadimplência. Além disso, apesar do controle das despesas, o índice de eficiência piorou (subiu) para 38,8% no 4T25, ante 38,0% no 4T24, em função da queda da margem financeira (-4,0%), devido ao resultado negativo da margem com mercado.

No acumulado de 2025, a instituição registrou lucro líquido gerencial de R\$ 15,6 bi, alta de 12,6% no ano, com um ROE médio de 17,2% (+1,1 pp). O avanço do lucro no ano foi explicado pelo crescimento das receitas com serviços e tarifas (+3,5%) e da margem financeira (+1,8%), sustentada pela receita com clientes (+9,5%), parcialmente compensada pelo resultado negativo da margem com o mercado (R\$ - 3,5 bi). Do lado dos custos, a PDD avançou 8,9%, enquanto as despesas gerais ficaram praticamente estáveis (+0,8%).

Em relação à carteira de crédito, a carteira ampliada cresceu 3,7% no ano, enquanto a carteira de crédito bancário avançou 3,0%.

O crescimento da carteira ampliada foi impulsionada por títulos privados, avais e fianças (6,8%). No crédito bancário, a carteira PJ cresceu 3,4%, liderada pelo segmento de PMEs (+12,3%), enquanto a carteira de grandes empresas caiu 1,7%. Já a carteira PF (incluindo financiamento ao consumo) avançou apenas 1,8%, com alta em cartão (+13,4%), imobiliário (+9,6%) e financiamento de veículos (+7,8%), enquanto a carteira de crédito pessoal não consignado (-5,3%), crédito rural (-15,4%) e consignado (-13,9%) caíram no ano. Segundo a instituição, a queda do saldo destas carteiras reflete a redução do risco (pessoal e rural), além da baixa rentabilidade do consignado (baixo teto dos juros na modalidade INSS).

A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) da carteira total fechou 2025 em 3,7%, com alta de 0,3 pp no trimestre e de 0,5 pp no ano. Houve piora tanto na carteira PJ (+0,8 pp, em 12 meses), neste caso, concentrada entre as PMEs (+1,4 pp, para 5,9%), assim como na carteira PF (+0,3 pp), concentrado no público de baixa renda, diante de um cenário econômico mais desafiador (alta taxa Selic).

CRÉDITO / BANCOS

Quadro 12: Resultado 2025 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	2024	2025	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	1.335.238	1.255.624	-6,0%
TVM	322.945	346.434	7,3%
Depósitos	495.328	491.090	-0,9%
Patrimônio Líquido	90.744	95.650	5,4%
DRE¹			
Margem Financeira Bruta	60.746	61.858	1,8%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-23.755	-25.880	8,9%
Receitas de prestação de serviços e tarifas	20.917	21.647	3,5%
Despesas de pessoal	-12.369	-12.271	-0,8%
Despesas administrativas	-13.469	-13.771	2,2%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-9.952	-8.962	-9,9%
IR/CSLL	-2.821	-1.552	-45,0%
Lucro/Prejuízo do período ²	13.872	15.615	12,6%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	16,1%	17,2%	1,1 p.p.
ROAA	1,1%	1,2%	0,1 p.p.
Índice de eficiência	39,0%	37,6%	-1,4 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito	549.657	566.074	3,0%
PF	254.633	253.124	-0,6%
PJ	211.994	219.145	3,4%
PMEs	76.636	86.089	12,3%
Grandes empresas	135.358	133.056	-1,7%
Financiamento ao consumo	83.029	93.805	13,0%
Carteira de crédito ampliada ³	682.693	708.201	3,7%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	34.632	43.870	26,7%
Provisão adicional de PDD	4.181	0	-100,0%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,9%	0,9%	0,0 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,1%	6,2%	1,1 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,2%	3,7%	0,5 p.p.
Cobertura > 90 dias	-	66,4%	-
Índice de Basileia	14,3%	15,4%	1,1 p.p.

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial sem itens extraordinários ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.

Resultado Corporativo 2025

Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido recorrente de R\$ 12,3 bi no 4T25, alta de 3,7% no trimestre e de 13,2% ante o 4T24. O número veio em linha com esperado pelo consenso de mercado e corresponde a um ROE de 24,4%, 2,3 pp acima do observado no 4T24, atingindo o maior valor da série recente (desde 2017).

Na comparação com o mesmo período de 2024, o avanço do lucro refletiu a alta disseminada das principais fontes de receitas. A margem financeira subiu 7,3%, beneficiada pelo aumento da margem com clientes (+8,6%), que contou pela combinação de um maior volume de crédito e um mix de carteira mais rentável. As receitas com seguros (+15,3%) e serviços (+7,4%) também cresceram. Do lado das despesas, o custo do crédito subiu 8,7% no período, pressionado pelo aumento dos descontos concedidos (+43,4%), enquanto as despesas com perda esperada (+4,9%) seguiram sob controle, em linha com a inadimplência ainda contida na instituição. Com isso, o indicador de custo de crédito anualizado sobre a carteira permaneceu estável (2,6%). Já as despesas não decorrentes de juros (administrativas) subiram apenas 3,7%.

No acumulado em 2025, o Itaú registrou lucro líquido de R\$ 46,8 bi (+13,1%), com um ROE médio de 23,4% (+1,2 pp), renovando o maior nível desde 2019 (23,6%). Neste comparativo, a expansão do lucro também refletiu o avanço da margem com clientes (+12,1%), compensando a queda (-25,8%) da margem com o mercado. Destaque também para o avanço das receitas com seguros, previdência e capitalização (+17,0%). O custo do crédito subiu 6,1%, em linha com o crescimento da carteira, enquanto as despesas operacionais subiram 7,5%, puxadas pelos gastos com tecnologia (+18,2%). De todo modo, o índice de eficiência atingiu 38,8% (ante 39,5%) renovando a melhor marca da série histórica.

A carteira de crédito ampliada cresceu 6,0% em 2025, atingindo R\$ 1,491 trilhão, com avanços de igual magnitude nas carteiras PF e PJ (+6,6%) no Brasil e uma expansão mais contida das operações na América Latina (+3,2%), em função da variação cambial (sem esse efeito, a carteira ampliada teria crescido 6,2%). No crédito para as famílias, destaque para o crédito imobiliário (+12,8%) e cartão (+8,0%), além do consignado privado (+35,9%), em função do programa Crédito do Trabalhador. No caso das empresas, a carteira de MPMEs cresceu 8,7%, refletindo a expansão dos programas governamentais (+64,5%). A inadimplência (acima de 90 dias) da carteira total ficou em 1,9% em 2025, estável no trimestre e com queda de 0,1 pp em 12 meses. No ano, o índice caiu 0,2 pp na carteira PF (para 3,6%); ficou estável (em 0,1%) entre as grandes empresas; e, registrou ligeira alta (+0,1 pp, para 1,8%) entre as MPMEs.

O *guidance* da instituição para 2026 prevê uma expansão da carteira de crédito no Brasil entre 6,5% e 10,5%, após alta de 6,6% em 2025, ou seja, prevendo uma aceleração da expansão do crédito neste ano. Porém, projeta uma expansão menor da margem com clientes (entre 5,0% e 9,0%) e um custo do crédito médio de R\$ 41,0 bi (ante R\$ 38,1 bi em 2025), mantendo a proporção custo do crédito sobre a carteira na faixa de 2,6%.

Quadro 13: Resultado 2025 – Itaú Unibanco

Banco Itaú Unibanco - R\$ Mi	2024	2025	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	3.048.537	3.096.277	1,6%
TVM	1.114.941	1.196.151	7,3%
Depósitos	1.054.741	1.114.482	5,7%
Patrimônio Líquido	210.457	205.630	-2,3%
DRE¹			
Margem Financeira Gerencial	112.445	124.408	10,6%
Margem com Clientes	108.024	121.128	12,1%
Margem com o Mercado	4.421	3.280	-25,8%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-37.212	-38.969	4,7%
Receitas de prestação de serviços	45.110	46.891	3,9%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	9.755	11.414	17,0%
Despesas não Decorrentes de Juros	-62.108	-66.762	7,5%
IR/CSLL	-17.863	-20.396	14,2%
Lucro/Prejuízo do período ²	41.403	46.830	13,1%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	22,2%	23,4%	1,2 p.p.
ROAA	1,4%	1,6%	0,2 p.p.
Índice de eficiência	39,5%	38,8%	-0,7 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	1.406.357	1.490.816	6,0%
PF	444.764	474.299	6,6%
PJ	712.040	758.915	6,6%
Estoque de provisão p/ liquid. Duvidosa	-47.420	-51.495	8,6%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,7%	0,0 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	3,4%	3,5%	0,1 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,0%	1,9%	-0,1 p.p.
Índice de Basileia	16,5%	15,2%	-1,3 p.p.
Índice de Cobertura > 90 dias	55,0%	54,7%	-0,3 p.p.

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, commercial papers, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 2025 Bradesco

CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco apresentou lucro líquido recorrente de R\$ 6,5 bilhões no 4T25, ligeiramente acima do esperado (R\$ 6,3 bi), correspondente a uma alta de 5,0% no trimestre e de 20,6% em um ano. O ROE, por sua vez, atingiu 15,2% no trimestre, melhor patamar desde o 2T22 (18,1%), embora ainda abaixo de seus pares e do desempenho histórico da instituição.

No comparativo com o 4T24, o avanço do lucro foi impulsionado pela expansão da margem financeira (+13,2%), especialmente da margem com clientes (+18,4%). As receitas com serviços subiram 8,0%, enquanto o resultado de seguros avançou 2,1%. As despesas com PDD subiram 18,3%, mas não o suficiente para comprometer o crescimento da margem financeira líquida de PDD (+9,3%). Já as despesas operacionais subiram 3,3%, puxadas por maiores gastos com pessoal (+7,9%).

No acumulado de 2025, o lucro líquido recorrente do Bradesco foi de R\$ 24,7 bi (+26,1%), levando a um avanço de 3,1 pp do ROE médio do ano, para 14,8%. A melhora do resultado refletiu a expansão disseminada das principais fontes de receita. A margem com clientes cresceu 17,4%, resultado de uma combinação de aumento do crédito e da taxa média da carteira (9,0% ante 8,4%). O resultado de seguros (+16,1%) também contribuiu de forma relevante para o resultado, assim como as receitas de serviços (+8,9%), refletindo os ganhos com cartão (+14,4%). Do lado dos custos, a PDD expandida subiu 11,7%, próxima da expansão da carteira de crédito. As despesas operacionais subiram 8,5% no ano, puxadas pelos “demais gastos operacionais” (+25,0%), com forte alta das provisões cíveis, trabalhistas e fiscais (+30,2%) em função da reestruturação em curso na instituição. De toda forma, o índice de eficiência melhorou e caiu para 50,0% (ante 52,2%).

A carteira de crédito ampliada do banco subiu 11,0% em 2025, atingindo R\$ 1,089 tri. A alta foi disseminada e puxada pela expansão da carteira destinada às famílias (+12,7%), com destaque para linhas com garantia, como crédito rural (+69,0%), neste caso, ainda impactada pela incorporação da carteira do banco John Deere; veículos (+18,0%); e, imobiliário (+9,7%). Neste sentido, o banco elevou para 59,3% (+5,3 pp) a participação da carteira de crédito com garantias no total. Já a carteira PJ avançou 9,7%, impulsionada pelo crédito às MPMEs (+21,3%), em meio ao forte ritmo de empréstimos dos programas públicos como FGI e Pronampe. Já a inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 4,1% no fim de 2025, com estabilidade no trimestre e ligeira alta no ano (+0,1 pp). A boa performance do indicador refletiu a queda da inadimplência no segmento de MPMEs (-0,6 pp, para 3,8%), enquanto o índice da carteira PF subiu 0,3 pp, para 5,4%.

O *guidance* do banco para 2026 prevê um crescimento da carteira de crédito entre 8,5% e 10,5%, pouco abaixo do registrado em 2025 (+11,0%), que, por sua vez, ficou bem acima do que projetado para 2025 (entre 4% a 8%). Além disso, divulgou que espera que a margem líquida (já descontada a PDD) fique entre R\$ 42 bi e R\$ 48 bi, indicando uma expansão próxima a 12,5% no ano, acima do avanço da carteira.

Quadro 14: Resultado 2025 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	2024	2025	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	2.127.922	2.382.602	12,0%
TVM	839.191	1.007.199	20,0%
Depósitos	647.309	730.705	12,9%
Patrimônio Líquido	162.661	176.574	8,6%
DRE¹			
Margem Financeira	63.726	73.232	14,9%
Margem com Clientes	61.565	72.257	17,4%
Margem com Mercado	2.161	975	-54,9%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-29.688	-33.172	11,7%
Receitas de prestação de serviços	38.344	41.752	8,9%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	19.220	22.308	16,1%
Despesas de pessoal	-25.514	-27.991	9,7%
Despesas administrativas	-23.255	-23.199	-0,2%
IR/CSLL	-4.739	-6.256	32,0%
Lucro/Prejuízo do período ²	19.554	24.652	26,1%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	11,7%	14,8%	3,1 p.p.
ROAA	0,9%	1,1%	0,2 p.p.
Índice de eficiência	52,2%	50,0%	-2,2 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	981.692	1.089.230	11,0%
PF	414.080	466.503	12,7%
PJ	567.612	622.727	9,7%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	46.234	57.977	25,4%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,8%	0,8%	0,1 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito	4,7%	5,3%	0,6 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	4,0%	4,1%	0,1 p.p.
Índice de Basileia	14,8%	15,8%	1,0 p.p.
Cobertura > 90 dias	187,9%	166,0%	-21,9 p.p.

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³ Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	06/02/26	30/01/26	09/01/26	Viés	06/02/26	30/01/26	09/01/26	Viés
IPCA (%)	3,97	3,99	4,05	▼	3,80	3,80	3,80	↔
PIB (% de crescimento)	1,80	1,80	1,80	↔	1,80	1,80	1,80	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,25	12,25	12,25	↔	10,50	10,50	10,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,50	5,50	5,50	↔	5,50	5,50	5,50	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	06/02/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,22	-0,84%	-11,17%	-4,67%	-9,43%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	126,28	-2,93%	-28,95%	-8,82%	-27,30%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,85	-0,29%	12,83%	-0,36%	12,13%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,21	-0,97%	-11,35%	-4,30%	-12,03%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,21	1,18%	-10,66%	-1,96%	-9,92%
Índice Ibovespa (em pontos)	183.022,55	0,91%	44,21%	13,59%	45,00%
IFNC (setor financeiro)	19.969,49	0,51%	52,49%	15,46%	50,21%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,50	-0,76%	-0,76%	1,37%	-17,01%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,20	-0,74%	-0,74%	1,99%	-5,19%
Dollar Index	97,61	0,64%	0,64%	-0,64%	-9,36%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.941,16	0,03%	0,03%	0,65%	14,10%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	176,13	5,08%	5,08%	6,39%	25,28%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	142,30	6,99%	6,99%	13,60%	9,88%
Índice Euro Stoxx 50	5.998,40	0,85%	0,85%	3,49%	11,98%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	272,95	-0,88%	-0,88%	3,47%	61,59%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	67,91	-3,93%	-3,93%	9,67%	-8,59%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins